

## O SISTEMA CONSTITUCIONAL BRASILEIRO E A CONSTITUIÇÃO DE 1988

A.B. COTRIM NETO

1. De um continente com cerca de 42 milhões de quilômetros quadrados — a América — mais da metade integra aquela parte hoje conhecida como “América Latina”: com efeito, *latina* porque quase toda essa região foi conquistada, colonizada e aculturada pelas duas nações latinas da Península Ibérica, a Espanha e Portugal.

Ocorre que a denominação genérica de América Latina sugere a idéia de evolução histórico-cultural uniforme e, quiçá, de um sistema jurídico-político de certo modo comum a todos os países resultantes da desintegração das antigas colônias luso-espanholas.

Entretanto, nada mais enganosa do que essa idéia de uniformidade, pensada pelos europeus, sobretudo.

2. A realidade é muito diferente: primeiro, porque quase a metade geográfica da América Latina é representada pelo Brasil, de língua portuguesa falada por cem por cento de sua população, que corresponde à terça parte dos habitantes do subcontinente; em segundo lugar, porque a formação social brasileira aconteceu em termos assaz diferentes do verificado nas antigas colônias espanholas, onde os conquistadores não tiveram condições de completamente absorver ou dissolver as populações autóctones e sua cultura que — como os Aztecas no México e os Incas no planalto *peru-boliviano* — já haviam alcançado alto nível de civilização antes de Colombo. — Enquanto isso, no Brasil, os portugueses apenas defrontaram tribos indígenas em estágio pouco superior ao de *pedra lascada*, que foram quase totalmente eliminados durante as lutas da conquista da terra, quando não dissolvidos no *melting pot* da formação racial do País (seus aborígenes são hoje 250.000, número igual aos da Austrália; e cerca de um terço a um quarto dos existentes nos Estados Unidos e no Canadá).

Por demais, é de ser registrado que a formação política do Brasil e seu desenvolvimento cultural desde os primórdios do século anterior foram presididos pela Monarquia, que a velha dinastia lusitana dos Bragança plantou em solo americano, tendo sido um de seus membros exatamente quem faria a independência do novel Estado, em 1822.

Nessas condições, e para ilustrar a profunda diferença verificada entre a história da América espanhola a partir dos fins do século XVIII e a da América portuguesa na mesma época, basta apontar que enquanto a primeira se desintegraria em 20 Estados, freqüentemente inimizados entre si, a segunda teria preservada a unidade colonial e até ampliaria o seu território, como nostálgicamente observou o pensador mexicano José Vasconcelos em sua “Breve História de México”, obra de 1956: segundo este autor, a América espanhola, após sua independência, perdeu o “sentido imperial” da tradição ibérica, o qual seria substituído por um “provincianismo grosseiro, a origem de todas as nossas mesquinhas nacionalidades”, ao tempo em que “o Brasil conservava a cabeça e se preparava para beneficiar-se da desorganização geral” (pág. 255).

3. Desde os primórdios da ocupação do território, ao Brasil sempre acorreram aventureiros europeus que nele se fixariam, inclusive e sobretudo os holandeses que largo tempo — no século XVII — permaneceram em grande região do Nordeste, onde deixariam marcas de sua cultura e de sua etnia.

No entanto, com a mudança da família real portuguesa e numerosa corte para o Rio de Janeiro, em 1808, em fuga da invasão francesa na metrópole, foi quando ocorreria o maior e o mais súbito ingresso de elementos estrangeiros no Brasil; e não tanto pelo seu número, mas pelo influxo cultural que produziram na sede provisória — que o seria por quase 14 anos — da Monarquia lusitana, assim preparando-a institucionalmente para a independência, proclamada logo depois.

Um acontecimento relevante, igualmente conseqüente desse traslado da sede monárquica, foi — conforme a observação de Pedro Calmon — a “completa anglicanização do comércio brasileiro” com a Inglaterra, então a maior potência econômica do mundo; e depois, cessadas as guerras napoleônicas, o ingresso de missões culturais francesas no país e a participação marcante da Áustria no mesmo plano, graças às ligações de família do nosso primeiro imperador com a Casa reinante neste Império da Europa Central (a propósito ver a Dissertação Doutoral de Andreas Birkholz, de 341 págs., em 1970 publicada em Augsburg sob o título “Osterreich und Brasilien-1816/1831”: sobre as ações da França no Brasil, e quanto a isso, documentadas nos arquivos franceses e brasileiros, existe excelente publicação intitulada “France et Bré-

